

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de Psicologia

Ana Beatriz Rodrigues Porto

**Mestre de Cerimônia no *hip hop*: o que a escola contribuiu
nessa trajetória?**

Uberlândia

2019

Ana Beatriz Rodrigues Porto

Mestre de Cerimônia no *hip hop*: o que a escola contribuiu nessa trajetória?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a conclusão do curso de Psicologia.

Orientador: Prof^a: Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta.

Uberlândia

2019

Ana Beatriz Rodrigues Porto

Mestre de Cerimônia no *hip hop*: O que a escola contribuiu nessa trajetória?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Prof. Dr. Antônio Carlos Lopes Petean

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis

Uberlândia, 18 de março de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus pais e irmãs pelo incentivo para a realização deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente fez parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Aquele moleque sobrevive como manda o
dia a dia
Tá na correria, como vive a maioria
Preto desde nascença, escuro de sol
Eu tô pra ver ali igual no futebol
Sair um dia das ruas é a meta final

Sem espaço pra emoções, a rua ensina
Que se eu seguir só o meu coração, me fodo
na próxima esquina
É mais que rima, é mais que som, é mais
que sina
É, mas que porra, Sant? É minha vida e o
beat em cima,
Óh

(O Que Separa Os Homens Dos Meninos -
Sant)

Resumo

O *hip hop* por ser uma forma de expressão das populações excluídas das zonas urbanas, se constitui como movimento de revolução, de atitude e protesto, apontando para a realidade da periferia e reivindicando mudanças de vida. Ainda que em pequena proporção, é possível perceber a inserção do *hip hop* nos currículos escolares, como disciplina de artes e como projetos pedagógicos. O objetivo principal desse trabalho foi conhecer a trajetória de Mestres de Cerimônia e se a escola teve alguma participação no processo de constituição dessa identidade. Considerou-se tanto aspectos da história individual dos participantes, quanto elementos da trajetória escolar. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, analisadas sob a perspectiva histórico-cultural, referenciada no discurso do participante, a partir disso foram criadas três categorias: as memórias da escola; primeiros contatos com o rap e estruturas técnicas no rap. O que possibilitou algumas reflexões sobre as dificuldades vivenciadas durante a trajetória de inserção no rap, a importância do apoio de professores no contexto escolar e os sentimentos, emoções que foram gerados durante as trajetórias dos entrevistados. Destaca-se a importância de que a escola acolha e estabeleça formas de diálogo com elementos culturais e formas de expressão dos jovens estudantes.

Palavras-chave: Mestre de Cerimônia; rap; escola; Psicologia Histórico-Cultural.

Abstract

Hip hop as a form of expression of excluded populations in urban areas, constitutes a movement of revolution, attitude and protest, pointing to the reality of the periphery and demanding changes in life. Although to a small extent, it is possible to perceive the insertion of hip hop in school curricula, as an arts discipline and as pedagogical projects. The main objective of this work was to know the trajectory of Masters of Ceremony and if the school had any participation in the process of constitution of this identity. Both aspects of the participants' individual history and elements of the school trajectory were considered. It is a qualitative research, in which semi-structured interviews were carried out, analyzed from a historical-cultural perspective, referenced in the participant's discourse, from this, three categories were created: the school memories; first contacts with rap and technical structures in rap. This allowed for some reflections on the difficulties experienced during the insertion trajectory in rap, the importance of the support of teachers in the school context and the feelings, emotions that were generated during these trajectories of the interviewees. It is important for the school to welcome and establish forms of dialogue with cultural elements and forms of expression of young students.

Keywords: Master of ceremony; rap music; school; Historical-Cultural Psychology.

Sumário

1 Apresentação	9
2 Introdução	11
3 Percurso Metodológico	14
4 As trajetórias de MC's, da escola ao palco	17
4.1 As memórias da escola	17
4.2 Primeiros contatos com o rap	20
4.3 Estruturas técnicas no rap	21
5 Considerações Finais	24
Referências	26
ANEXO A	28

1 Apresentação

Desde criança o rap faz parte do meu estilo musical favorito. Mas foi somente em 2016, que consegui ter uma vivência, bastante produtiva, por meio do qual descobri mais sobre essa arte e decidi propor um estudo a respeito. Tudo começou na Praça Faria de Nader, conhecida como Praça da Claerrô (uma sorveteria situada no local), em Araguari-MG, onde quinzenalmente ocorriam as batalhas de rap. Digo ocorriam, pois não acontecem mais devido a preconceitos dos moradores ao redor da praça. As pessoas que desejavam participar se inscreviam e a partir de um sorteio formavam-se as duplas de batalha, por meio das quais se improvisava uma rima que seria avaliada pelo público e por um juiz. Após as eliminações, o participante que ficasse em primeiro lugar ganhava um determinado valor em tatuagens, que costumava ser trezentos reais.

Era uma emoção após a outra, havia duplas de tirar o fôlego, levando a galera à loucura e também havia quem estava começando, que não sabia rimar com agilidade e improviso. No geral, quem era melhor nas rimas e nas ofensas se dava bem. Mas nunca era o mesmo vencedor, sempre participavam pessoas diferentes, o que deixava tudo mais interessante. Recordo-me de uma dupla que estava indo muito bem, a dupla era tão boa que deu empate, e tiveram de desempatar com mais uma rodada de rimas. Este fato me provocou uma sensação maravilhosa, porque eu percebia a vontade de querer vencer essas batalhas, percebia que havia um esforço por trás de todas essas rimas feitas. Mas eu não sabia, e ainda não sei o objetivo dos participantes, se era simplesmente para ganhar a tatuagem ou para ser reconhecido ou algo mais. E fiquei pensando: de onde vem essa vontade de rimar bem? E assim, fui ficando com essa curiosidade, até ter a oportunidade de fazer o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). E meu interesse pelo rap só foi aumentando. Foi esses tipos de batalhas que me instigaram como plateia a procurar um sentido, um significado para tais duelos.

Para além das batalhas, comecei a prestar atenção nas letras das músicas de rap e percebi que elas denunciavam algo: que denunciavam a luta da mãe para conseguir comprar o pão para o filho denunciavam a desumanização do trabalho, o descaso dos políticos, à comparação entre os que roubavam uma lata de leite e os que roubam milhões, entre outros. Com o rap, eu pude perceber que as rimas iriam para além de batalhas nas praças, elas trazem a realidade para nós, em forma de poesia cantada. É para além de uma letra, é algo real, é vivido por alguém, é sobre a luta de classes, a emancipação feminina, é sobre a cultura afro descendente que vem ganhando cada vez mais espaço artístico. Esses pontos acima também

me chamaram a atenção para começar este estudo, pois todos esses tipos de denúncia que são trazidos para a música também possuem o objetivo de dar oportunidades a jovens, mostrando outra possibilidade de futuro para além das drogas. Mas não apenas isso, o *hip hop* também é ofertado como parte de uma luta e resistência às dificuldades do dia-a-dia da classe baixa.

As batalhas em praças fazem parte da realidade de vários jovens que querem ingressar na carreira de Mestre de Cerimônia (MC) e amadurecendo a ideia para começar a escrever eu e minha supervisora, questionamos diversos pontos que poderiam ser abordados, desde análises de músicas, até uma revisão bibliográfica aprofundada. Mas o que me intrigou foi: como uma música com palavras rebuscadas, surge de uma realidade que julgamos precária? De onde veio esse conhecimento de rimas, palavras e seus significados? Será que começou na escola? Veio do ensino? Baseou-se em buscas pessoais? Aprendizados que se deram para além dos muros da escola? O presente trabalho possui como objetivo principal conhecer a trajetória dos Mestres de Cerimônia e se a escola teve alguma participação no processo de constituição dessa identidade. Considerou-se tanto aspectos da história individual dos participantes, quanto elementos da trajetória escolar. Por isso, a proposta de realizar entrevistas semiestruturadas com artistas que tivessem envolvimento com o rap, numa tentativa de compreensão desse mundo da música, onde se expõe a realidade como ela é sem ilusões.

2 Introdução

O *hip hop* está presente nas comunidades mais pobres possuindo o objetivo de transformar a vida de jovens, mostrando outras possibilidades de futuro para além das drogas. Mas não apenas isso, o *hip hop* também é ofertado como parte de uma luta e resistência às dificuldades do dia-a-dia da classe baixa, enfatizando a cultura afro descendente. Veremos a seguir elementos que nos remetem às origens do *hip hop*, à sua chegada ao Brasil e estudos sobre o *hip hop* e a sua importância na escola.

O *hip hop* surgiu no final da década de 1960, no bairro de Bronx, em Nova Iorque. Como explicita Fialho (2008) há estudos que relatam que já eram feitas rimas na Jamaica e com a imigração passaram também acontecer nos Estados Unidos da América (EUA), na época pós-industrialização, quando se necessitava de mão de obra especializada que soubesse interagir com as máquinas e lidar com as novas tecnologias e meios de comunicação. Foi o momento em que houve a substituição de homens por máquinas e por trabalhadores especializados, além da construção de uma via expressa, construída cortando o bairro, provocando a desvalorização de imóveis.

Esse contexto de desemprego, desvalorização e desapropriação de imóveis fez com que aumentasse a violência e o acesso a drogas, propiciando a organização de gangues e guerrilhas, que lutavam pela sobrevivência, por comida, roupas e moradias. Em contraste com a violência, grupos de jovens organizavam festas, cantando, dançando e tocando nas ruas do Bronx, criando as competições artísticas, nas quais o vencedor ganhava algo para sua sobrevivência (Fialho, 2008).

Essas festas começaram a ganhar força e os jovens foram organizando as competições e modalidades por expressões artísticas: a dança quebrada e robótica – o break dance; o instrumentista com seus toca-discos – o DJ; o cantor de rimas e animador da festa, o mestre de cerimônia – o MC, que junto com o DJ compõe o RAP, abreviação de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia); os responsáveis pelo visual plástico, pintando as paredes e murais – o grafite. (Fialho, 2008, p. 02)

Essa junção desses quatro elementos artísticos ficou conhecida como *hip hop*, expressão artística e criativa a partir da qual denunciava a fome, o desemprego, à ausência de moradia para todos, a criminalidade, o narcotráfico e a carência do bairro Bronx. Atualmente, essa forma de denúncia ainda existe e se espalhou pelo mundo inteiro.

Acredita-se que o *hip hop* no Brasil, tenha iniciado em São Paulo, por volta de 1980, na estação São Bento e Praça Roosevelt, onde o rap era conhecido na época como "funk falado". Uma das influências importantes para o início do rap no Brasil, foi o

lançamento do disco "Hip-Hop Cultura de Rua", lançado em 1988, com produção autoral de Nasi e André Jung, com participação de Thaíde, MC Jack e DJ Hum. O segundo mais importante álbum da história do rap nacional foi "Consciência Black vol.1", os autores das canções eram, Edi Rock e o grupo Racionais MC's, essa coletânea mudou drasticamente a reprodução e a posição do rap no Brasil (<http://www.rapnacional.com.br/o-rap-nacional-influenciou-a-estrutura-musical-e-social-do-brasil/> recuperado em 27 de março, 2018).

Em relação ao contexto escolar, é possível perceber que há muitos artigos que estão sendo publicados com a temática do *hip hop*. Abordam principalmente a participação desta forma de expressão nos currículos escolares, como conteúdo da disciplina de artes e inserida nos projetos pedagógicos, como destaca Vitorino (2008), citando os artigos de Andrade (1999), que possui uma coleção de artigos publicados com reflexões e relatos de experiências na escola. O *hip hop* por ser uma forma de expressão acerca das exclusões nas zonas urbanas, se constitui como movimento de revolução, de atitude e protesto, apontando para a realidade da periferia e manifestando reivindicações de mudanças de vida.

Segundo Vitorino (2008), é frequente uma visão de que a escola é separada da vida social, sendo que há uma relação dialética entre social e instituição escolar. Trazer a realidade de muitos jovens para a escola pública pode dar mais liberdade para a descoberta e ampliação de novas identidades e para que ocorra a apropriação dos próprios referenciais étnicos e culturais promovendo assim, uma aproximação entre o contexto educacional e a realidade do aluno. Assim, é importante que os educadores compreendam essas manifestações e abram espaço para diálogos e intervenções por meio de linguagens que se aproximem da dos jovens.

Segundo Dayrell (1996), a escola como espaço sociocultural possui duas dimensões. A primeira é institucional, com as suas regras e normas, a fim de unificar e delimitar a ação dos indivíduos. A segunda é essa trama de relações sociais entre os sujeitos, ou seja, uma vivência a partir dessa interação, que pode incluir acordos, desacordos, fazendo com que haja uma apropriação de uma determinada realidade que se constitui no ambiente escolar.

Esses apontamentos explicitados no texto nos mostram as várias possibilidades de integração multicultural nas escolas, propondo muito mais que diversidade, mas sim uma luta política e buscas de identidades. Neste sentido, destacamos a existência da importante lei nº 10.639, de 2003, que estabelece a escola, oferecer temas como a cultura negra, a luta dos negros, a contribuição deles ao contexto social, economia e política, iniciando, assim a introdução do tema nos currículos escolares (Fernandes, 2005). Para contexto das aulas o tema é tão sério e importante quanto à história do descobrimento do Brasil. Oliva (2003) cita

a historiadora Hebe Maria Mattos que faz uma reflexão a partir dos escritos de Gilroy, sobre a história dos africanos no contexto histórico do Mundo Atlântico:

Quando se rompe com uma perspectiva essencializada das relações entre identidade e cultura, decorre que qualquer abordagem sobre as ambiguidades da identidade negra no Brasil se torna indissociável do entendimento da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico [...]. Gilroy aborda este processo [a afirmação de novas identidades negras] como construção política e histórica fundada em diferentes trocas culturais (africanas, americanas e europeias) através do Atlântico, desde o tráfico negreiro, na qual a questão das origens interessa menos que as experiências de fazer face à discriminação através da construção identitária e da inovação cultural. (Mattos, 2003:129-130). Retirado de Oliva, 2003, p. 426.

Desde 2003, vem se buscando implementar projetos que abarcam toda a história africana, tanto para fins de identidade étnica quanto para diminuir preconceitos e aumentar ainda mais o potencial que cada um de nós tem, independentemente da raça, cor ou etnia. Portanto, como vimos em relação à identidade social, a escola desenvolve um papel muito importante na formação individual de cada criança, para que facilite o processo de identidade e existe uma gama enorme de caminhos que a criança ou adolescente podem seguir e escolher sem ser necessariamente o padrão imposto na sociedade e que está presente também nas escolas.

Portanto o nosso objetivo principal foi conhecer a trajetória dos Mestres de Cerimônia e se a escola teve alguma participação no processo de constituição dessa identidade. Considerou-se tanto aspecto da história individual dos participantes, quantos elementos da trajetória escolar.

3 Percurso Metodológico

Para alcançar os objetivos deste trabalho foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo. Este foi considerado o método mais apropriado por preconizar a busca, do pesquisador, pelo significado das experiências. Sendo assim, este tipo de pesquisa se fez importante por se propor a ouvir e a compreender as pessoas e o significado que atribuem às suas vivências, bem como suas ideias e sentimentos acerca de determinado fenômeno. A escolha da entrevista, como foi descrito acima, possibilitou que o pesquisador entrasse em contato com o ambiente onde o participante se sentia à vontade, possibilitando um contato físico, importante para observar reações do entrevistado, passar confiança acerca do que está sendo pesquisado, entre outros. (Turato, 2005).

Para encontrar os participantes houve uma busca, primeiro com os contatos que a pesquisadora possuía. Visto que dentre os contatados nenhum demonstrou interesse, foi necessário pesquisar outros artistas atuantes na região, pelo buscador “google acadêmico”, a fim de conseguir os contatos dos grupos de rap, que aos poucos foram se interessando pelo projeto e assim sendo realizadas as entrevistas.

Foram entrevistados três mestres de cerimônia, residentes da cidade de Uberlândia-MG, sendo que após a realização da entrevista houve a desistência de um participante. Foram considerados, assim, dois participantes. Com o intuito de proteger a identidade destes, utilizamos nomes fictícios, escolhidos de acordo com suas qualidades.

O primeiro entrevistado foi Antônio, assim nomeado por possuir a coragem de seguir apenas com a carreira do rap e também por possuir muita influência nesse movimento. O segundo foi José, que é aquele que acrescenta que está sempre resgatando as pessoas para o rap. Antônio tem 38 anos, trabalha com produções artísticas, e está no movimento desde os 14 anos, começou a compor suas letras em 2007, utilizando programas para edição de músicas e foi se aprofundando nos conhecimentos relativos ao *hip hop* a partir de colegas próximos, livros e internet. Está atuando no rap há praticamente 24 anos. José tem 62 anos, trabalha na zona rural, e compõem suas letras com o objetivo resgatar¹ as pessoas que estão no crime, para fazê-los refletir. Refere-se a sua família com grande orgulho. Está no movimento há mais ou menos 22 anos.

¹ O seguinte trecho de sua entrevista revela tal preocupação: “Eu ouvia o povo falando que escutava os Detentos do Rap, Facção Central, Racionais, e eu pensava, vou fazer igual. Mas não era isso que ele estava falando. Ele estava falando para não fazer. É onde nós mandamos as letras. Sempre com o toquinho de fé.” (José).

Foi utilizado o critério de saturação dos dados para definir o número final de participantes, ou seja, quando o pesquisador, percebe que os resultados começaram a se tornar repetitivos, ou sem importância significativa, não contribuindo para a diversidade de material fornecido.²

Glaser & Strauss originalmente conceituaram saturação teórica como sendo a constatação do momento de interromper a captação de informações (obtidas junto a uma pessoa ou grupo) pertinentes à discussão de uma determinada categoria dentro de uma investigação qualitativa sociológica. (Fontanella, 2008, p.18)

Para a realização das entrevistas³, foram marcados com antecedência o local e a hora de acordo com a preferência dos participantes. Na hora e no local combinado, foi mostrado, explicado e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e posteriormente iniciou-se a entrevista, que foi guiada pelo roteiro semidirigido e captada por um gravador de áudio. Ao final da entrevista, foi perguntado ao entrevistado se conhecia outra pessoa que fosse mestre de cerimônia, a fim de que pudesse contribuir para a composição da amostragem seguindo o critério bola de neve, método de pesquisa em que um participante indica outros prováveis participantes. Pressupõe-se certa ligação entre os membros da amostra, por haver interesses compartilhados por eles, isto é, os integrantes dessa população são capazes de reconhecerem outros, podendo contribuir para a construção da amostra (Dewes, 2013). Todas as entrevistas foram transferidas para o computador sendo feitas as transcrições dos áudios para a análise.

Em relação à análise de dados foi utilizada a abordagem histórico-cultural com a análise referenciada no sujeito e com busca pela significação de suas palavras dentro do contexto histórico cultural em que está inserido. A partir do material gravado e transcrito, foram realizadas leituras “flutuantes”, para que familiarizados pudéssemos nos apropriar da visão do entrevistado. Utilizando um critério descrito por Aguiar e Ozella (2006), foram criados pré-indicadores, que são significados (palavras, vivências) que se destacam durante as entrevistas. Utilizamos esses pré-indicadores para criarmos os núcleos, que são uma composição das palavras que se destacaram, com base no objetivo do projeto, contemplando nosso referencial teórico e a própria vivência do entrevistado. Foram consideradas emoções e falas enfatizadas pelos entrevistados. Em seguida, uma segunda leitura foi realizada para

² A decisão de interromper as entrevistas foi tomada após a realização de três entrevistas, contudo um dos participantes pediu para ter sua participação retirada da pesquisa. Considera-se que os principais elementos abordados pelo participante desistente também foram abordados pelos demais. Não havendo, portanto, grandes prejuízos à pesquisa.

³ O roteiro de entrevista está disponível no Anexo A.

aglutinar os pré-indicadores, nos permitindo uma menor diversidade de significação. A partir dessa releitura, passamos para o processo de articulação dos pré-indicadores, que teve como produto a organização dos núcleos de significação, nomeados para objetivar a essência dos conteúdos expressos pelos indivíduos. Assim, a análise foi realizada buscando abranger elementos políticos, econômicos, contexto histórico, buscando compreender a totalidade do contexto em que o indivíduo está inserido (Aguiar & Ozella, 2006).

4 As trajetórias de MC's, da escola ao palco

Os pré-indicadores identificados foram: sentimentos e emoções manifestados (raiva, alegria, satisfação, ódio, ser bom no que faz, união, cansaço); presença de esportes durante a vida escolar (futebol); união através do esporte; sofrimento em relação à escola; estruturas técnicas; rap como amostra de valor (mostrar seu valor); rap como estilo de vida (identificação) e os primeiros contatos com o rap.

A partir dos pré-indicadores citados acima, foram realizadas diversas leituras das entrevistas para que fossem agregados em forma de núcleos, contendo mais elaboração sobre cada pré-indicador. Apresentaremos agora as categorias construídas a partir da nossa análise: as memórias da escola; primeiros contatos com o rap e estruturas técnicas no rap.

4.1 As memórias da escola

Esse núcleo se constitui a partir do objetivo específico que é identificar se a escola teve alguma participação no processo de constituição da identidade; mas também por terem sido lembradas, nas entrevistas realizadas, diversas histórias interessantes sobre as vivências escolares de cada participante. Chama a atenção o fato de a escola ter sido citada pelos entrevistados apenas por aspectos que se referem às relações pessoais experienciadas nesse contexto e não pela sua função social, que seria a de promover o acesso ao conhecimento construído pela humanidade. Como exemplifica a declaração a seguir:

Bom, as lembranças que eu tenho da escola é que éramos bastante unidos. (Antônio)

Outro aspecto citado foi o cuidado que o professor dispunha em relação aos alunos que estavam de alguma forma passando por dificuldades. Estas foram às lembranças que apareceram de imediato, marcadas pelo cuidado, pela atenção, pelas relações estabelecidas e pela escuta de seus problemas:

Eu tinha um problema de saúde. Nas pernas, por exemplo, eu machucava e demorava a sarar, meu sangue estava muito sujo e ele (o professor) me levava até a cidade para fazer meus exames. (José)

Apesar de cada um dos entrevistados ter tido a sua vivência particular, puderam ser encontrados pontos em comum. Como por exemplo, o esporte, que é citado nas entrevistas, como uma importante lembrança do período escolar.

Disputava os interclasses, tinha um time da escola lá. (Antônio)

Tais declarações nos remetem à importância da escola de modo amplo na vida dos estudantes. Como destacam Stelko-Pereira e Williams (2010, p.47):

A escola é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, devendo ser um dos contextos sociais que estimule as habilidades intelectuais, as habilidades sociais e a absorção crítica dos conhecimentos produzidos em nossa sociedade. A escola deve ser importante no tempo presente e no tempo futuro, sendo referência para o aluno de um local seguro, prazeroso e no qual ele pode se conhecer, conhecer aos seus próximos e a sociedade em que vive, projetando como quer atuar no mundo.

Apresentando uma perspectiva de escola vista e compreendida como um espaço sócio cultural, tal como proposto por Dayrell (1996), necessita-se de um olhar que possa penetrar a cultura, de forma a absorver e compreender os diferentes processos culturais dos indivíduos ali presentes, de modo que se possa colocar o indivíduo como autor do seu próprio mundo inserido na escola, incluindo também, os professores, nessa dinâmica. O esporte aparece na fala dos entrevistados como algo que promove esta aproximação.

A necessidade de que a escola compreenda a cultura discente aparece na entrevista de José, quando ele se refere ao fato de os alunos serem reconhecidos pelos profissionais da escola como membros de gangues.

A gente tinha tipo gangues, esse negócio já tinha na escola. Eles foram deixando porque achavam que as gangues controlavam, diminuía a violência. Mas não, nós não tínhamos violência. Só que a gente não estudava também. Então, era uma coisa travando a outra.

Como podemos analisar na frase acima, os professores não intervinham nas gangues. Pressupõe-se a partir da entrevista que não o faziam por temor e por crer que a presença de tais grupos inibiria outras formas de violência no contexto escolar. Por outro lado, o entrevistado diz que não havia de forma alguma violência e destaca que também não havia uma dedicação aos estudos.

Podemos então, refletir acerca dos sentidos e significados, que Vigotski propõe em sua teoria, sendo definidas, respectivamente, como necessidades que mobilizam de alguma forma o indivíduo, e como conteúdos que são apreendidos pelo indivíduo se formam de acordo com a sua subjetividade (Aguiar & Ozella, 2006). Percebemos que os grupos formados pelos estudantes adquirem sentidos muito distintos para professores e alunos. De acordo com José, essas gangues simbolizavam para os professores menos violência, e assim os docentes não se implicavam, não se envolviam com esses estudantes, porém não sabemos como era essa

vivência para os professores envolvidos, e conseqüentemente não havia uma exploração cultural e educativa desses movimentos que se organizavam no contexto da escola.

Mas será que a escola se reconhece como uma instituição que participa desse processo? Ou está direcionada apenas ao que o aluno deve decorar para fazer as provas ou trabalhos? Quem são esses jovens que formam gangues dentro da escola? Quem são esses jovens dentro da escola? O que eles procuram? O que os seguram na instituição? Qual o significado dessas experiências?

São perguntas que o próprio processo de ensino e aprendizagem nos faz questionar, e que deveriam aparecer no contexto escolar. Visto que antes mesmo de entrarem para as instituições, esses sujeitos já trazem algo de vivência do seu cotidiano, em forma de sentidos e significados. Experiência que são internalizadas individualmente e que ganham várias significações que são importantes para a constituição do sujeito perante as situações que são vividas:

No decorrer da minha infância para cá... muita coisa aconteceu. Morte. Muita coisa que eu já vi. No mundo do crime. Sem comentar os parceiros, família sofrendo, cadeia, morte, guerra, tiro essas paradas assim. (Antônio)

Esta declaração de Antônio nos remete às ideias de Dayrell (1996):

O mundo real não é um contexto fixo, não é só nem principalmente o universo físico. O mundo que rodeia o desenvolvimento do aluno é hoje, mais que nunca, uma clara construção social onde as pessoas, objetos, espaços e criações culturais, políticas ou sociais adquirem um sentido peculiar, em virtude das coordenadas sociais e históricas que determinam sua configuração. Há múltiplas realidades como há múltiplas formas de viver e dar sentido à vida. (Grifos do autor, p.6).

E com isso, com essa somatória da vida cotidiana e as experiências na escola, há um processo social, por meio do qual os sujeitos se identificam pelas formas de viver e interpretar as relações e as contradições entre si mesmo e a sociedade, produzindo sua própria cultura (Dayrell, 1996).

Segundo Souza (2016), a busca e a formação de identidade estão ligadas ao processo de ensino-aprendizagem, assim como também com a relação professor-aluno, pois os sentimentos vividos na escola causam grandes expectativas de como ser, o que ser, quando se tornar adulto, dentre outros.

Foi verificada nas entrevistas uma dificuldade e até certo distanciamento em comentar sobre a escola. Ao perguntarmos sobre a escola, os entrevistados reagiram de formas diversas, como: mudando a postura, ficando de modo mais curvado, mudando o tom de voz ou até

mesmo desviando o olhar. É possível supor que muitas foram às situações de sofrimento experimentadas no espaço escolar. Tivemos acesso a alguns desses momentos.

Podemos perceber que estar ligado ao *hip hop* é descrito pelos entrevistados como algo que os expôs a situações de humilhação e discriminação. Algo que ocorreu desde o período escolar:

Discriminação é o que mais tem, principalmente por causa da idade, eu comecei com 38 anos de idade, foi onde tive mais discriminação até parente meu me denunciou no conselho tutelar falando que eu estava fazendo apologia para os meus filhos. (José)

Há também momentos em que a instituição escolar é sentida como um espaço de indiferença e desamparo. Os entrevistados revelam um desejo de que essa instituição assuma mais uma função disciplinar, que é entendida como cuidado, preocupação:

O aluno na hora do recreio fazia o que queria. Se não queria assistir aula, ele só falava que não ia assistir. Eles deveriam ter sido mais rígidos... Não tive aquele negócio, aqueles puxões de orelha. Tinha que ter e não teve. Porque adolescente deu corda, ele vai mesmo. (José)

4.2 Primeiros contatos com o rap

Em relação a essa categoria podemos compreender que os primeiros contatos com o rap se deram em situações que aconteciam na realidade em que estavam inseridos, sendo por vivenciar crimes, mortes, *break dance* ou eventos no bairro.

A partir dessas experiências que o primeiro contato pôde possibilitar, houve a dificuldade no começo de carreira. As parcerias com grupos que já eram reconhecidos nessa fase inicial foram essenciais para que os entrevistados crescessem como MC's e assim tivessem mais facilidade em desenvolver projetos. Por meio das entrevistas, compreendemos que houve muita dificuldade até para mostrar seu trabalho em algum evento, pois ambos os artistas não tinham dinheiro sequer para voltar para casa. Apenas para ir e ainda assim, estavam dispostos a sacrifícios para mostrar seu trabalho artístico.

A gente... Ficava sabendo que ia ter um evento em algum bairro da prefeitura ou de outras pessoas que estavam promovendo, pegava nosso pen drive com as batidas, punha no pen drive e ia... Com os *beat*⁴, chegava lá e pedia às pessoas para poder deixar a gente apresentar uma, duas músicas, para poder mostrar nosso trabalho... Às vezes, já aconteceu dos meus parceiros voltarem a pé do show, a gente já teve que beber água do banheiro, cara. Pegar a garrafinha da gente, ir ao banheiro para poder beber água, para cantar no show, porque não recebia o cachê. (Antônio)

⁴ Quer dizer batida, a parte instrumental da música.

À medida que surgiram possibilidades, os participantes tiveram seu início, e a partir dessa iniciação, começou-se um processo de reconhecimento e valorização de seu próprio trabalho. Relatam que, ao adentrar o mundo do rap, encontraram aquilo em que de fato são bons, e no que querem ser melhores, sempre aprimorando, crescendo e trazendo mais pessoas para esse meio, para o mundo da música, da dança, da cultura *hip hop*.

Graças a Deus hoje o rap encaminhou, está dando tudo certo e vou continuar caminhando, tentar resgatar mais pessoas que é o objetivo principal da minha caminhada, sempre resgatando, procurando resgatar, posso conseguir resgatar pouca pessoa, mas já acho importante. (José)

Chama a atenção o uso da expressão “resgatar” para descrever o movimento de ingresso no *hip hop*. O uso dessa expressão denota o quanto o rap significa uma possibilidade de realizar escolhas, de percorrer caminhos distintos daqueles que, comumente, se apresentam aos jovens de periferia.

Além do reconhecimento das próprias capacidades e talentos possibilitados pelo rap, os relatos apresentam situações em que aparecem sentimentos, por vezes contraditórios, que são manifestados em relação à trajetória no *hip hop*. Essas emoções são importantes, pois foi a partir delas que puderam aceitar o desafio, se tornar melhores, passar o exemplo e ter a admiração de quem está ouvindo as letras.

Bastante raiva, bastante cansaço, mas teve resultado entendeu? Valeu a pena chegar aonde eu cheguei hoje. Não cheguei ainda onde eu pretendo chegar, mas... Valeu a pena. (Antônio)

Há também perseguição da polícia aos grupos que falam sobre o sistema político.

Tinha vez que a gente fazia evento assim: fazia o fly, mas não colocava o nome do grupo, colocava outros grupos só que aí, por baixo dos panos, a gente avisava as pessoas, ‘vai ter o nosso grupo lá’ e aí as pessoas ia. (José)

4.3 Estruturas técnicas no rap

É importante salientar que no rap há um fundamento técnico utilizado para a formação da música e construção das rimas. Como estratégia para atingir seu público-alvo e para a construção de rimas, usa-se as gírias locais provindas da região de cada MC, excluindo assim as normas cultas da língua portuguesa. Assim, também fazem parte da composição artística, a linguagem não verbal, as roupas, o espaço, os temas abordados por cada MC, que conectam o artista a essa tribo (Peixoto, 1990).

O Rap que utiliza o *sampling*, isto é, utiliza vários elementos acústicos concretos, performances pré-gravadas transformando-os em algo novo, depende da reprodução técnica para sua composição. Esse estilo musical opõe-se à estética da obra fixa, oferece prazeres da arte desconstrutiva, desmembrando obras antigas para criar outras novas, opondo-se as regras já estabelecidas. Tudo isso utilizando os toca discos. (Peixoto, 1990, p.4)

Já em relação às letras do Rap, na maioria das vezes encontramos narrativas sobre a realidade na qual o MC está inserido. Aproximação dessas narrativas com os fatos reais faz também com que o ouvinte se identifique. Algo que nos remete às origens e tradições que havia no Bronx quando o movimento foi iniciado por imigrantes que cantavam sobre a sua realidade, organizando competições e modalidades artísticas (Fialho, 2008). Além de pensar na construção de uma história há também que se pensar sobre o lugar, tempo, finalidade da transmissão, a ação do locutor e a resposta do público. Portanto, o narrador possui a função de orientar, suggestionar o seu ouvinte, como podemos observar na fala de Antônio:

Narrava o crime, o que acontecia com os caras que estavam agindo certo, o que acontecia com os que estavam agindo errado, que o final era tudo mesmo. É caixão e grade.

Percebemos a partir das entrevistas que cada participante teve seu próprio jeito de aprender as técnicas utilizadas no rap. As estratégias relatadas passaram por iniciativas pessoais para buscar referências, pela convivência, aprendendo e se descobrindo ao estar junto com outros, denotando a tradição oral que está associada ao rap.

Na influência dos grupos mais antigos, Facção Central e até o meu parceiro de grupo mesmo, porque quando eu entrei, ele já estava (no rap), eu pedia para ele... onde foi uma lição para mim, aí me estruturei. (José)

Como foi comentado anteriormente, em relação à tradição oral, os participantes referiram-se a várias pessoas com quem tinham contato próximo, que facilitaram de algum modo esse encontro com as técnicas, rimas e métricas.

Meu parceiro que cantava com a gente no grupo me apresentou o programa Fruity loops⁵. Eu fui aprofundando fui mexendo, e eu aprendi. Foi na raça mesmo. (Antônio)

Portanto, é possível compreender o rap para além de um movimento de rimas cantadas, tocadas por um DJ. Rap é estilo de vida, é realidade, é denúncia, é identificação, valores, entre outros. Como pode ser percebido por meio das entrevistas, ainda é um movimento que enfrenta muito preconceito, que necessita de mais investimentos relacionados

⁵ Ferramenta para criação e edição de músicas.

às condições enfrentadas por esses MC's, a essa favela, a essa realidade, que parece estar distante, mas está dentro de nossas cidades.

5 Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo conhecer a trajetória de MCs, e verificar se a escola possuiu alguma participação no processo de constituição dessa identidade. Para isso, foram realizadas três⁶ entrevistas, utilizando um roteiro semiestruturado, que serviu de auxílio para a pesquisadora. Decidimos o número de entrevistas pelo processo de saturação, onde foi observado a relevância e repetições sobre os assuntos objetivos.

Utilizamos uma metodologia (bola de neve) que nos permitiu alcançar esses sujeitos específicos, de forma mais eficiente, que são os MC's. Podemos considerar que as entrevistas nos possibilitam ter acesso a importantes informações que buscávamos. Já nos procedimentos, penso que foi fundamental a utilização da abordagem histórico cultural, pois nos permitiu analisar os participantes de forma mais ampla, sempre considerando o contexto cultural em que estavam inseridos, considerar os significados e sentidos, nos aproxima dessa realidade, nos sensibilizando, criando empatia pelas histórias vividas. O que nos encantou também, pois não esperávamos uma abertura tão fantástica dos participantes em relação às suas vivências.

As informações obtidas nos permitiram encontrar diversos aspectos importantes: como os sofrimentos vivenciados na trajetória do rap, a importância do apoio de professores, os ganhos e as perdas durante a carreira de MC.

A partir das entrevistas e das análises realizadas podemos inferir também que a escola tem muito que proporcionar em riqueza de relações sociais, mas também deixa a desejar em relação ao manejo dessas relações no contexto educativo, o que ficou evidente quando os participantes trazem a escola apenas como uma passagem obrigatória. Foi percebido também um pedido dos entrevistados para que haja uma preocupação com esses adolescentes que trazem para a escola a realidade vivida fora dela, que é percebida como violenta formada por gangues, com o estilo de vida do movimento *hip hop*. Trazer assuntos da vida cotidiana para a sala de aula faz parte da educação e que poderia até mesmo facilitar a questão da relação com os saberes propostos pela escola e no processo de formação de identidade nos adolescentes. Com a escola podendo dar uma atenção a esses movimentos, os alunos podem se sentir mais confortáveis e até mesmo gostar mais de ir à escola.

Consideramos que os psicólogos escolares podem contribuir no desenvolvimento de práticas pedagógicas que exerçam a mediação para que os adolescentes tenham acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, favorecendo processos de busca da própria

⁶ Ainda que tenham sido realizadas três entrevistas, apenas duas foram analisadas neste trabalho, conforme foi exposto na seção Percurso Metodológico.

identidade que a instituição escola pode oferecer, mediando conflitos e diálogos entre professores e alunos.

Destacamos também a importância de que a escola aborde assuntos que fazem pensar sobre os tempos atuais, o contexto de vida, as condições socioeconômicas, as desigualdades sociais e históricas. Como o capitalismo pode afetar esses alunos? Qual a sua relação com a escola? Se para ser “alguém na vida” é preciso estudar, para quem se direciona essa escola? Qual é a função da escola atualmente? São questões que podem ser refletidas, discutidas com a contribuição do psicólogo escolar.

A Psicologia Escolar e Educacional, almejamos um projeto educacional que vise coletivizar práticas de formação e de qualidade para todos; que lute pela valorização do trabalho do professor e constitua relações escolares democráticas, que enfrente os processos de medicalização, patologização e judicialização da vida de educadores e estudantes; que lute por políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de todos e todas, trabalhando na direção da superação dos processos de exclusão e estigmatização social. (Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.32).

Pensando sobre os movimentos culturais juvenis, podemos abrir questões para serem mais aprofundadas, como por exemplo, qual a importância do rap na vida dos jovens? O rap está sendo valorizado como uma cultura? Como superar os preconceitos que existem em relação a essa manifestação artística? O rap pode ser um dos mediadores na relação com a criminalidade? Pode ser um elemento que amplie as possibilidades de caminhos para os jovens?

Portanto se faz necessário maior aprofundamento acadêmico em relação a tais movimentos culturais, buscando melhor compreender as relações dos sujeitos com sua cultura e como isso pode interferir no seu modo de viver. A escola é um dos espaços, dentre outros ambientes nos quais esses movimentos podem ser desenvolvidos e melhor apropriados pelos próprios participantes? Essa pesquisa é apenas uma pequena amostra, mas também pode servir de inspiração para criação de trabalhos maiores, buscando uma compreensão mais aprofundada teoricamente. Podendo assim ser o começo de várias outras pesquisas de cunho relevante para os diversos movimentos culturais existentes.

Referências

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: ciência e profissão*, 26(2), 222-245. Recuperado em 21 de setembro de 2017 em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n2/v26n2a06.pdf>
- Conselho Federal de Psicologia (CFP): Referências técnicas para Atuação de Psicólogos (os) na Educação Básica. (2013). (1ª ed.). Brasília: CFP
- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço sociocultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 194, 136-162. Recuperado em 28 de janeiro de 2019 em <https://ensinosociologia.pimentalab.net/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-espa%C3%A7o-socio-cultural.pdf>
- Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Recuperado em 17 de agosto de 2017 em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1>
- Peixoto, M. R. RACIONAIS MC'S: TÉCNICA, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO/SÃO PAULO-DÉCADA DE 1990. Recuperado em 28 de janeiro de 2019 em http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475255490_ARQUIVO_r esumoanpuh2016.pdf
- Fernandes, J. R. O. (2005). Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. *Cad. Cedes, Campinas*, 25(67), 378-388. Recuperado em 22 de junho de 2018 em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n67/a09v2567>
- Fialho, V. M. HIP HOP: conceito e história. Recuperado em 28 de janeiro de 2019, disponível em http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fialho-Hip_Hop-conceito_e_historia.pdf
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Saturation sampling in qualitative health research: theoretical contributions. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Recuperado em 10 de outubro de 2017 em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>

- Michaelis, D., & MICHAELIS. (2014). Dicionário de português online. Recuperado em 28 de janeiro de 2019 em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gangue/>
- Oliva, A. R. (2003). A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos afro-asiáticos*, 25(3), 421-461. Recuperado em 22 de junho de 2018 em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ea/v25n3/a03v25n3.pdf>
- O rap nacional influenciou a estrutura musical e social do Brasil. *Rev. Rap Nacional* publicado em 08 de fevereiro de 2017. Recuperado em 27 de março de 2018 em <http://www.rapnacional.com.br/o-rap-nacional-influenciou-a-estrutura-musical-e-social-do-brasil/>
- Souza, C. S. D. (2016). A (docência) lescência: pressupostos para um ensino Desenvolvimental. Recuperado em 12 de fevereiro de 2019 em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20784>
- Stelko-Pereira, A. C., & Williams, L. C. D. A. (2010). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em psicologia*, 18(1), 45-55. Recuperado em 28 de janeiro de 2019 em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Rev. Saúde Pública*, 39(3), 507-14. Recuperado em 17 de agosto de 2017 em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>
- Vitorino, S. M. B. (2008) Hip Hop na Escola. Recuperado em 11 de abril de 2018 em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2428-6.pdf>

ANEXO A

ROTEIRO BASE PARA ENTREVISTA SEMI-DIRIGIDA

1. Como você se tornou MC, conte sua história de vida, as pessoas que fizeram parte desse caminho, as dificuldades, as superações, como chegou ao ponto em que está hoje?
2. Na nossa pesquisa, além de saber sobre a trajetória do MC, também investigamos o papel da escola na sua história de vida. Gostaria que me contasse um pouco como que foi seu processo escolar, se ele teve algum ponto importante na contribuição para se tornar MC. Houve alguém na escola que incentivava? Eventos? Houve alguma discriminação?
3. Conte uma situação positiva e uma situação negativa que você viveu no processo de se tornar MC.
4. Quais foram as suas vivências e como as considera (boas, ruins)?